

## A DIMENSÃO ESTÉTICA EM VIVÊNCIAS CULTURAIS INFANTIS: O QUE DIZEM AS PESQUISAS BRASILEIRAS SOBRE ATIVIDADES MUSEAIS?

**Alexandra Caroline Barbosa da Costa Ramos**

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação (UFU)

E-mail: [alexandrabcramos@gmail.com](mailto:alexandrabcramos@gmail.com)

**Sandro Rogério Vargas Ustra**

Orientador do Programa de Pós-Graduação em Educação (UFU)

E-mail: [srvustra@ufu.br](mailto:srvustra@ufu.br)

### Resumo

As vivências culturais das crianças em museus são fundamentais para a formação de percepções estéticas e interpretação do mundo ao seu redor. Com o objetivo mapear e compreender o que se tem pesquisado sobre as interações infantis em ambientes museais, o presente trabalho contempla resultados obtidos na biblioteca digital SciELO (Scientific Electronic Library On-line). Foi realizada uma análise qualitativa dos artigos, que consistiu na busca por articulações entre vivências culturais e estéticas a partir das atividades descritas nos artigos selecionados. Além de evidenciar a escassez de estudos e propostas que envolvem a temática, destacamos a relevância da estética como aspecto importante na proposição de vivências de atividades museais, especialmente no que se refere ao desenvolvimento da sensibilidade e da criatividade.

**Palavras-chave:** Atividades museais. Educação Infantil. Vivências. Estética.

### Introdução

Analizar as experiências museológicas do público infantil implica considerar o acesso das crianças a museus e centros culturais. Nesse sentido, torna-se evidente a urgência de ampliar os debates sobre as práticas em espaços de educação não formal para esse público, garantindo o direito de acesso a esses espaços e, principalmente, desenvolvendo iniciativas específicas para o seu acolhimento, de forma semelhante ao que já ocorre com outros grupos.

Há muitas pesquisas sobre museus e exposições de arte, no entanto persistem uma certa dificuldade em compreender as relações educativas com o público infantil, aspecto que revela obstáculos teóricos e estruturais por parte de escolas e museus.

A questão do acesso das crianças aos museus e às instituições culturais é relevante,

pois, para isso, as crianças dependem, na grande maioria os casos, da agência de um ou mais adultos que planejam as exposições e pensam sobre a importância da vivência infantil nesses espaços (Milan, 2023).

Dessa forma, pensar sobre o acesso do público infantil aos espaços museais configura-se como um importante requisito para impulsionar novos projetos, estudos e perspectivas sobre o assunto. Entendemos que o museu atua como um espaço potencializador de vivências em diferentes narrativas que podem provocar na interação com os objetos e sujeitos diversas sensações (Carvalho; Lopes, 2016).

À luz dessas discussões, ressaltamos a importância da vivência que se constitui como uma unidade representada na relação dialética entre o externo e interno, individual e o coletivo, afeto e o intelecto. É por meio da vivência que o sujeito entra em contato com determinado objeto e pode ser atravessado por sentimentos, emoções e memórias (Vigotski, 2012).

Para entender o valor da cultura como experiência e não apenas como consumo ou lazer, é preciso pensar a coletividade, em vivências culturais pelo seu potencial humanizador e formador. Entender que as crianças têm um olhar crítico que vira pelo avesso a ordem das coisas, que subverte o sentido de uma história, que muda a direção de certas situações, exige que possamos conhecer nossas crianças, o que fazem, de que brincam, como inventam, de que falam (Kramer, 2007).

A criança, quando em contato com diferentes experiências, se constitui como sujeito social, que também produz cultura, contemplando seu direito e exercendo a cidadania. Assim, processos de aprendizagens são o resultado de relações que se estabelecem social e culturalmente. Para que esses processos ocorram, é necessário um ambiente livre e desafiador na construção de reais significados entre indivíduos e seu contexto (Vigotski, 2009).

Ao articularmos tais vivências com a dimensão estética, entendemos que o processo de construção de conhecimentos requer experiências no mundo, interpretando símbolos já existentes para realizar nossas tarefas cotidianas. E isso se dá em relação com o outro e com os objetos interpretados com base na percepção estética de cada sujeito (Moreira, 2016, p. 56).

Assim, a experiência estética sempre possui uma dimensão de significado; não se trata de uma sensação vazia, desprovida de sentido, mas de uma percepção carregada de significado. Para Dewey, a experiência estética ocorre através da imaginação, convertendo a vivência em expressão, sendo compartilhada, comunicada e inerente à vida em sociedade

(Silva; Cunha, 2012).

A partir dessa perspectiva, apresentamos neste trabalho os resultados de um mapeamento do que vem sendo produzido sobre vivências museais voltadas para o público infantil, buscando nas produções selecionadas interrelações com a estética. De maneira geral, analisamos artigos publicados em periódicos brasileiros, na perspectiva de delinear as principais características das pesquisas desenvolvidas e discutir a dimensão estética nas vivências infantis em museus e centros culturais apresentados nas pesquisas.

Pensar em tais aspectos exige a investigação de como a estética está presente nos artigos que discorrem sobre exposições voltadas para o público infantil, assim como as perspectivas dos(as) autores(as) quanto à valorização de práticas voltadas para o público infantil.

Neste recorte, objetivamos compreender no cenário de produção científica representada pela biblioteca digital SciELO a relevância do tema, considerando investigações que abarcam o público infantil e discutem vivências em espaços de educação não formal, entendendo a importância da estética e seu potencial transformador, no que diz respeito a uma interação viva e dinâmica com a cultura e os impactos dessas interações no desenvolvimento das crianças.

## Desenvolvimento

Os museus atuam como um lócus privilegiado de artefatos que contribuem para um processo interior e exterior, que se caracteriza pelas sensações ativadas ao se vivenciar as diferentes narrativas que transpassam o espaço museal (Cardoso *et al.*, 2017).

De acordo com Vigotski (1999), as vivências são compreendidas como uma unidade na qual, por um lado e de modo indivisível, o meio, aquilo que se vivência, está representado – a vivência sempre se liga àquilo que está localizado fora da pessoa – e, por outro lado, situam-se as formas de vivenciar isso. Ou seja, todas as particularidades da personalidade e todas as particularidades do meio são apresentadas na vivência.

As vivências museais podem oportunizar o contato com a cultura, a história e a ciência, contribuindo para a formação do público, principalmente das crianças que estão em processo de construção da sua identidade e constituem campo fértil para diferentes experiências e vivências (Gabre, 2019).

Aprender a pensar é aprender a aprender, no sentido de aprender a construir ou produzir os conceitos, conhecimentos ou significações por meio da investigação das

situações problemáticas que se originam em nossa experiência de forma a aumentar a eficiência da ação em um meio social (Dewey, 1979, p. 83).

A vivência em museus pode ser afetiva, tendo em vista que esse conceito se traduz em conhecimento e pode ser afetiva, porque nos transformamos por meio das influências que sofremos, sejam elas positivas ou não. Nessa esteira de pensamento, a teoria da arte de Dewey faz com que a dimensão estética faça parte do exercício de ressignificação da cultura socialmente adquirida pelos sujeitos. O artista, bem como o indivíduo que irá apreciar a arte, colocam sobre ela sentidos, sentimentos e principalmente construções aplicadas a ela por meio das estruturações e restruturação das experiências vividas.

Partindo desse princípio, realizamos uma revisão sistemática de literatura, na qual focamos artigos publicados em periódicos contidos na biblioteca digital SciELO (Scientific Electronic Library On-line). A busca ocorreu entre os meses de abril e maio de 2024, por meio dos mecanismos de busca da biblioteca, considerando as palavras-chaves: museu, Educação Infantil (ou pré-escola), vivência museal e estética. Não foi estabelecida nenhuma restrição temporal. Foram obtidos quatro artigos nesta seleção. Durante o mapeamento das produções, verificamos como cada artigo abordou o acesso das crianças nas exposições. Com base em tais aspectos, foi possível compreender os objetivos dos artigos em relatar os resultados da interação criança-museu.

Por meio da análise de conteúdo, categorizamos os dados dos artigos com base em elementos centrais das pesquisas. Nesse movimento, as categorias foram definidas com o objetivo de encontrar pontos em comum entre os dados obtidos e relacioná-los com base na delimitação do tema.

O recorte da pesquisa se deu por unidades de registro constituídas pelo conteúdo analisado, ou seja, uma unidade a ser codificada, podendo ser um tema, uma palavra ou uma frase (Bardin, 2011).

De acordo com o método de análise, verificou-se a necessidade de categorizar os dados por meio da leitura integral dos artigos. Sendo assim, a partir das estruturas interpretativas foi possível delinear cinco categorias de acordo com os conteúdos afins. As categorias de análise consistiram em: período de publicação; instituição de vínculo; metodologia; temas desenvolvidos relativos à produção cultural, científica e artística; elementos relacionados a dimensão estética nas exposições e proposições apresentadas.

Os quatro artigos encontrados estão voltados para as experiências e vivências das crianças em determinadas exposições ou museus. Os artigos selecionados estão indicados no Quadro 1.

Quadro 1. Artigos selecionados (Fonte: Dados da pesquisa).

Título	Referência
Parque temático, popularização e pesquisa amazônica: a proposta do Bosque da Ciência/INPA	Santos; Cunha, 2022
O Público Infantil nos Museus	Carvalho; Lopes, 2016
Interações, práticas, políticas e modos de gestão: o referencial histórico-cultural nas teses e dissertações do grupo INFOC de 2003 a 2013	Pena; Toledo; Barbosa, 2015
Formar-se com Arte entre Museu e Pré-escola	Zucolli, 2015

Fonte: Autores, 2024.

Relativamente ao período de publicação, foi possível conferir que os artigos se distribuem no período de 2015 a 2022, com uma maior concentração em 2015, o que pode indicar uma maior repercussão do tema durante esse período, ou certa preocupação com exposições voltadas para o público infantil.

Verificamos que todas as pesquisas encontradas possuem natureza qualitativa, a qual requer um processo continuado em que se procura identificar dimensões, categorias, tendências, padrões, relações, compreendendo seus sentidos e implicações sociais (Teixeira, 2003).

No entanto, a pesquisa de Pena, Toledo e Barbosa (2015) apresenta dados quantitativos para além da análise qualitativa. Dessa forma é possível classificar a pesquisa como mista por reunir análises de dados quantitativos e qualitativos em um único estudo (Creswell, 2007).

Os autores citados, assim como Zucolli (2015), utilizam recursos qualitativos propondo uma revisão da literatura em seus trabalhos. Essa metodologia de pesquisa compartilha com o leitor os resultados de outros estudos que estão proximamente relacionados ao estudo que está sendo relatado.

O artigo de Pena, Toledo e Barbosa (2015) utiliza a revisão da literatura no banco de dissertações e teses no que tange ao referencial histórico-cultural do grupo de pesquisa de origem de 2003 a 2013. O artigo faz o levantamento da presença de Vigotski na produção acadêmica acima referida e, dentre os trabalhos encontrados, destaca uma pesquisa sobre a relação das escolas com os museus de arte. A pesquisa foi realizada em um museu de arte, focando nas crianças, jovens e professores que aderiram, em visitas escolares, ao programa educativo.

A metodologia de pesquisa bibliográfica também é adotada por Zucolli (2015), ao abordar a formação em arte entre museu e pré-escola, fazendo referência a autores que evidenciam o potencial da estética e da arte. Neste artigo deseja-se apresentar a

importância da formação de professores realizada nos museus. Tais aspectos são relativos à concepção da criação artística que se caracteriza, de fato, por implicar escolhas, reflexões, tentativas, mudanças, atingindo uma produção visível e compartilhada.

Carvalho e Lopes (2016) e Santos e Cunha (2022) vão ao encontro destas concepções ao realizar uma pesquisa de campo que envolve experiências em museus. No entanto, o trabalho de Carvalho e Lopes (2016) coloca em relevo a importância dos museus de arte que se debruçaram sobre a temática da infância e dos museus, e do acompanhamento das visitas realizadas pelo público infantil ao Museu Internacional de Arte Naïf do Brasil, localizado na cidade do Rio de Janeiro. A investigação teve como objetivo contribuir para o diálogo entre os campos da Educação e da Museologia com vistas à garantia do direito de acesso e ao atendimento de qualidade das crianças pequenas a esses espaços.

Santos e Cunha (2022) destacam a articulação entre divulgação científica e democratização do acesso aos museus por meio de visitas da população, através da caracterização de um espaço de ciência e tecnologia na região norte. No contexto amazônico, enaltecem a popularização da pesquisa junto às audiências em espaço de visita física.

Considerando os temas dos artigos encontrados, foi possível destacar as relações entre ciência, arte e cultura. As abordagens podem ser consideradas distintas, no entanto, há uma articulação quanto às ações voltadas para o público infantil. A democratização do acesso aos museus é um tema comum entre os trabalhos.

Quanto a análise dos elementos relacionados a dimensão estética nas exposições e proposições apresentadas, encontramos no trabalho de Santos e Cunha (2022) o trabalho reforça a importância da pesquisa com ambientes abertos que recebem visitantes, menciona o trabalho de Suescun *et al.* (2012), que analisaram o Jardim Botânico do Rio de Janeiro e descreveram a experiência vivida nesse espaço como um conjunto de elementos que provocam sensações como a luz do ambiente, que ativa a dimensão visual (cores e características em função dos horários e estações; a audição, com os cantos dos pássaros e outros elementos naturais; e o aroma das frutas, flores e árvores. Tais considerações evidenciam a preocupação dos autores em incorporar a linguagem expográfica da museografia, em artefatos verbais e iconográficos (Santos; Cunha 2022).

Quando direcionamos o olhar especificamente para o estudo no Parque Temático “Bosque da Ciência”, verificamos que Santos e Cunha (2022) trazem a estética relacionada ao lúdico, entendendo que há um dialogismo entre ambos, uma vez que devem

ser observadas as características locais que tanto atraem as pessoas. O papel lúdico do espaço enfatiza o aspecto estético da percepção do ambiente natural, a visualização dos animais e plantas e o impacto da imersão florestal junto às consciências dos visitantes, tentando despertar no visitante o interesse maior pela paisagem natural do local (Santos; Cunha 2022).

Já na pesquisa de Carvalho e Lopes (2016) verificamos com frequência a preocupação com a dimensão estética com base em obras expostas no MIAN (Museu Internacional de Arte Naïf do Brasil) que consistem no uso de muitas cores e a retratação de temas populares que atraem e estimulam as crianças no sentido de apropriação da arte e sobre o ato de colecionar característico dos museus e das crianças. Além de um olhar atento aos objetos expostos, é importante para as autoras incentivar as diferentes maneiras pelas quais as crianças podem se posicionar como indivíduos coletivos e ativos, capazes de manifestar seus desejos, emoções, pensamentos e opiniões dentro do contexto em que estão inseridas (Carvalho; Lopes, 2016).

Pena, Toledo e Barbosa (2015) também trazem algumas referências a luz da estética. Em um dos trabalhos encontrados pelos autores está presente a relação dos museus de arte. De acordo com os pesquisadores a pesquisa buscou conhecer e compreender interações entre crianças, jovens, adultos e obras de arte no espaço do museu e refletir sobre tais interações diretamente relacionadas ao desenvolvimento da sensibilidade estética e da capacidade de apreciação crítica. Reconheceu a infância como construção social, compreendeu crianças e jovens como atores sociais e procurou na sociologia da Infância, na filosofia antropológica de Walter Benjamin e na psicologia de Vigotski embasamento para definir o assunto (Pena; Toledo; Barbosa, 2015).

Zucolli (2015) corrobora com a descrição de infância apresentada ao apresentar a importância da formação de professores (as) realizadas em museus para o desenvolvimento da profissionalidade. Para a autora a concepção da criação artística se caracteriza, de fato, por implicar escolhas, reflexões, tentativas, mudanças, atingindo uma produção visível e compartilhada relacionada com uma educação através da arte sobre a própria maneira da construção do conhecimento onde se utilizam cânones estéticos e produtivos típicos do ambiente artístico.

## Considerações Finais

A partir da revisão sistemática, identificamos lacunas nas pesquisas sobre

vivências museais e Educação Infantil, considerando a especificidade do público em questão. Os sentidos produzidos no cenário da pesquisa brasileira em torno do assunto estão caminhando para a inclusão infantil nos museus em parcerias com as Universidades que se debruçam em estudar esse campo, no entanto ainda há muito o que avançar no atendimento ao público infantil.

Portanto, para além do acesso das crianças em espaços museais e centros culturais é necessário repensar no papel da cidade como educadora no que se refere a agenda cultural, artística e científica. Outro ponto relevante é a organização das exposições, entendendo as especificidades dos visitantes e da mediação das visitas, ou seja é necessário promover formações e políticas que repensem o acesso do público infantil nesses espaços.

Nas quatro pesquisas analisadas, destacamos a grande influência da estética e da arte durante a infância, relacionando-as a perspectiva histórico-cultural de Vigotski. Os autores apresentam em suas considerações a importância da criança como protagonista em seu processo de desenvolvimento, reforçando as interações com diferentes pares, assim como o contato com a arte, história, cultura, ciência e ambiente. Tais aspectos, revelam a necessidade de estabelecer alternativas que oportunizem o sentimento de pertencimento, provocado pelas vivências culturais intermediados pela percepção estética de cada sujeito.

Para tanto, perscrutando os sentidos das pesquisas encontradas, reconhecemos e ressaltamos que há um longo percurso a ser trilhado, tanto por parte das instituições quanto dos espaços museais que não tem se dedicado a esse tipo de audiência, assim como estudos sobre a infância e sua relação com a estética, entendendo a sensibilidade como uma percepção importante para o desenvolvimento do público em questão.

## Referências

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Editora Edições 70, 2011.
- CARDOSO, Eduardo; SILVA, Tânia Luisa Koltermann da; ZARDO, Kemi Oshiro. **Design para experiência multissensorial em museus**. Revista da FAEEBA: Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 26, n. 50, p. 135-158, dez. 2017. Disponível em: [http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-70432017000300135&lng=pt&nrm=iso](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-70432017000300135&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 1 out. 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.21879/faeeba2358-0194.v26.n50.135158gabre>.

CARVALHO, Cristina; LOPES, Thamiris. **O público infantil nos museus**. Educação & Realidade, v. 41, n. 3, p. 911–930, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-623652329>. Acesso em: 28 set. 2024.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

DEWEY, John. **Democracia e educação**. Tradução: Godofredo Rangel e Anísio Teixeira. São Paulo: Nacional, 1979. (Atualidades pedagógicas, vol. 21).

GABRE, Solange. **Formação colaborativa: uma possibilidade de habitar o Museu de Arte com a Pequena Infância**. Revista GEARTE, [S.l.], v. 6, n. 3, 2019. DOI: 10.22456/2357-9854.92974. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/gearte/article/view/92974>. Acesso em: 1 out. 2024.

KRAMER, Sônia. **Infância, cultura contemporânea e educação contra a barbárie**. Revista Teias, [S.l.], v. 1, n. 2, p. 14, ago. 2007. ISSN 1982-0305. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/23857>. Acesso em: 21 set. 2024.

MARANDINO, Martha; ISZLAJI, Cynthia; SCALFI, Grazielle; MARQUES, Amanda; ALMOINHA, Marina S. G.; MILAN, Barbara; SOUZ, Paula. **Criança no museu é tudo de bom!**. Faculdade de Educação da USP, 2023.

MOREIRA, Marília. R. **Ensino de Ciências nos anos iniciais do Ensino Fundamental: uma proposta didático-pedagógica sobre coleta seletiva de resíduos**. 2016. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2016.

PENA, Alexandra; TOLEDO, Leonor P. B.; BARBOSA, Silvia N. **Interações, práticas, políticas e modos de gestão: o referencial histórico-cultural nas teses e dissertações do grupo INFOC de 2003 a 2013**. Fractal: Revista de Psicologia, v. 27, n. 1, p. 61–67, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1984-0292/135>. Acesso em: 22 jun. 2024.

SANTOS, Saulo C. S.; CUNHA, Márcia B. D. **Parque temático, popularização e pesquisa amazônica: a proposta do Bosque da Ciência/INPA**. Educação em Revista, v. 38, p. e29448, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-469829448>. Acesso em: 28 set. 2024.

SILVA, T.; CUNHA, M. V. **Dewey e a experiência estética: uma contribuição ao Ensino de Arte**. Revista Apotheke, Florianópolis, v. 7, n. 2, 2021. DOI: 10.5965/24471267722021028. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/apotheke/article/view/20652>. Acesso em: 24 set. 2024.

TEIXEIRA, Enise B. **Análise de dados na pesquisa científica: importância e desafios em estudos organizacionais**. Desenvolvimento em Questão, v. 1, n. 2, p. 177–201, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.21527/2237-6453.2003.2.177-201>. Acesso em: 19 set. 2024.

VIGOTSKI, Lev S. **A tragédia de Hamlet, príncipe da Dinamarca**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.



III Congresso Internacional de Ensino e Formação Docente

VIGOTSKI, Lev. S. **El problema de la edad**. In: VYGOTSKI, L. S. **Obras escogidas**. Madrid: Machado, 2012b. t. 4, p. 251-273. Texto original de 1932.

VIGOTSKI, Lev. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ZUCCOLI, Franca. **Formar-se com Arte entre Museu e Pré-escola**. Educação & Realidade, v. 40, n. 4, p. 1045–1060, 2015. Disponível em:  
<https://doi.org/10.1590/2175-6236517134>. Acesso em: 19 set. 2024.